



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de entrega das chaves da cidade da Guatemala

Cidade da Guatemala-Guatemala, 02 de junho de 2009.

Jornalista: Tudo bem, Presidente? Bom dia, Presidente.

Presidente: Buenos dias.

Jornalista: Hablar com la frente (incompreensível).

Jornalista: (incompreensível) hoje de manhã. O senhor tem alguma informação nova, de agora?

Presidente: Não, as informações que o ministro Jobim me deu às 7 horas aqui e às 10 horas no Brasil eram de que à noite o nosso avião descobriu restos de... não se sabe ainda se era poltrona ou não. E às 6 horas da manhã, o Hércules conseguiu ver mancha de óleo no mar. Entre a mancha de óleo e onde o avião viu objetos tinha 50 quilômetros de distância. Significa que tem uma corrente marítima muito forte. Então, eles mapearam uma área de 9 mil quilômetros quadrados em que vão voar hoje, às 11h, e lá chegam os navios da Marinha. Tem três navios cargueiros, um francês, outros, acho que de outros países, que estão na área ajudando a pesquisar. E vamos aguardar [para] ver se agora, de dia, nós encontramos alguma coisa que possa nos permitir localizar onde está o avião.

O Jobim foi ao Rio de Janeiro conversar com os familiares e vamos ficar com a busca, trabalhando junto com os franceses e com a comunidade



internacional para ver se a gente encontra algo mais, que nos dê mais certeza do que aconteceu com o avião.

Jornalista: O senhor conseguiu falar com o presidente Sarkozy sobre as descobertas, por exemplo, da (incompreensível).

Presidente: Não, não. Agora quem está tratando disso é o ministro Jobim, que obviamente vai manter contato com os franceses para que a gente esteja inteirado do que os dois países estarão fazendo.

Jornalista: Não há prazo, Presidente?

Presidente: Por enquanto, não há prazo.

Jornalista: Nenhum sinal sobre a caixa...

Presidente: Não, nenhum sinal. Não, porque, veja, a caixa deve ter afundado com o avião. Nós não sabemos a profundidade. Se localizarmos o avião vamos ver, se soubermos mais ou menos onde ele está, vamos ver a que profundidade e o que se pode fazer. Mas isto certamente vai levar tempo e eu penso que um país que teve condições de achar petróleo a 6 mil metros de profundidade, pode achar um avião a 2 mil metros. Mas vamos ver porque eu não sou especialista nisto e não quero ficar dando palpite sobre o que vai acontecer. O dado concreto é que nós vamos fazer o possível e o impossível para que a gente possa prestar contas à sociedade brasileira e se Deus quiser encontrar (incompreensível). O melhor que poderia acontecer é se tivesse gente viva, mas se não tiver, que possamos encontrar pelo menos as pessoas para entregar para as famílias.



Jornalista: Presidente, o senhor falou sobre as necessidades do mundo globalizado agora pedem por um contato cada vez maior com os líderes internacionais dentro de áreas (incompreensível). No entanto, no espaço de uma semana o senhor recebeu (incompreensível) pesam sérias denúncias sobre direitos humanos e veio aqui à Guatemala, com o presidente Colom, sobre o qual também pesam denúncias sérias. Não seria talvez o caso, diante dessa situação, talvez que um representante do Itamaraty, talvez alguém da diplomacia brasileira, não o líder máximo do país? A despeito do Brasil estar buscando...

Presidente: Primeiro, essa é um visão muito tacanha da relação internacional. A relação não é entre homens, é entre Estados, sabe? E as pessoas estão no Governo porque foram eleitas. No Brasil é a mesma coisa, e depois, quem é que disse que denúncia significa alguma coisa. E se não for verdade?

Jornalista: Tudo bem, mas e se no caso de manifestar apoio...

Presidente: Não, veja, eu apoio a democracia... eu sei o que aconteceu comigo em 2005, eu sei o que aconteceu. Eu sei o que aconteceu com o Evo Morales, eu sei o que aconteceu com o Evo, eu sei o que aconteceu com o Rafael Correa, eu sei o que está acontecendo com a Cristina, eu sei o que aconteceu com a Michele, eu sei o que aconteceu com o Chávez. Eu conheço a história deste país, eu sei que muitas vezes as acusações são levianas e feitas por pessoas que gostariam que não tivesse alternância no Poder. Então, quando o Brasil sai para viajar, não é o Lula que está viajando, é o Estado brasileiro que está mantendo contato com outro Estado. Isso vale para a Guatemala, vale para a China, vale para o Irã, que eu quero visitar o Irã. O Brasil tem uma boa relação comercial com o Irã. Então, nós temos que ir lá



conversar com o Irã. Ora, quem governa o Irã é da responsabilidade do povo do Irã, não é do povo brasileiro. Então, sem preconceito.

Jornalista: Presidente, o senhor destacou hoje a questão da alternância no Poder, que é uma questão complexa no continente, não só na Guatemala, onde o senhor visita, que há gente tentando derrubar o Presidente – mas, na Venezuela, por exemplo, o Presidente Chávez tende a permanecer talvez mais tempo. No Brasil, o senhor está sendo colocado cotidianamente em um possível terceiro mandato. Que recado foi esse? Foi para a Guatemala, foi para a Venezuela, ou confirmar no Brasil que o senhor não...

Presidente: Olha, primeiro, se a contribuição que eu puder dar ao Brasil for lutar contra o preconceito, quebrar o preconceito, eu vou fazer. Primeiro, da minha parte, não existe hipótese de terceiro mandato. Eu fico muito feliz quando as pesquisas começam a demonstrar que uma grande parcela do povo começa a querer, mas não existe hipótese de terceiro mandato, porque eu volto a repetir o que eu já disse: eu não brinco com a democracia. Foi muito difícil a gente conquistá-la, e o que vale para mim, vale para os outros. Alguém que quer o terceiro mandato pode querer o quarto, pode querer o quinto, pode quere o sexto.

Agora, veja, isso, se for feito democraticamente, ainda é assimilável porque é muito engraçado que as críticas que fazem aos presidentes da América Latina que querem o terceiro mandato não se fazem aos primeiros-ministros na Europa, que ficam 16 anos ou 18 anos. Ou seja, lá a pessoa é indicada por um colégio e é democrático. Aqui, é eleito pelo povo e não é democrático. É preciso que a gente tenha um pouco de auto-estima para valorizar a democracia.

O Chávez quer o terceiro mandato, ele vai se submeter às eleições. Uma hora o povo pode querer, outra hora o povo pode não querer. O Uribe



está querendo o terceiro mandato, tem que passar por um referendo. Ele pode querer e o povo pode elegê-lo ou pode não elegê-lo. Eu não vejo nisso nenhum mal. O que eu acho importante é que todo resultado seja um exercício da democracia. Se isso acontecer está ótimo. E isso... Veja, quando eu fui à Colômbia – acho que vocês me perguntaram na frente do Uribe se... o que o Uribe ia fazer no terceiro mandato – eu falei: eu não posso comentar sobre a Colômbia, agora sobre o Brasil eu posso comentar. Eu acho que o Brasil não deve ter o terceiro mandato. É isso.

Jornalista: Presidente, uma outra questão do governo. Está tendo embates públicos, pela imprensa, da área ambiental. O ministro Minc com outros setores ruralistas, Reinhold Stephanes, Alfredo Nascimento, Mangabeira. Como o senhor está vendo essa disputa que está chegando... Tornou-se pública esta disputa interna?

Presidente: Quando... como eu tenho muitos filhos – toda vez que o pai sai de casa a meninada faz algazarra mais do que deveria fazer. Deixe-me voltar para o Brasil que eu vou resolver esse problema.

Jornalista: É um problema?

Presidente: Eu não acho que é problema. Veja, são visões diferentes. O que eu acho é que às vezes você não pode externar a sua visão sem saber que repercussão ela pode ter no outro. E vale para todo mundo. Você imagine, em um campo de futebol, se os jogadores começam a se xingar alto para a torcida ouvir, para a imprensa descobrir, ou seja, acaba o jogo. Então, deixe-me chegar lá. Estou chegando quinta-feira, uma hora da manhã, você vai perceber que na sexta-feira já não teremos mais problema de divergência.



Jornalista: Legal, Presidente.

Jornalista: O senhor vai dar um puxão de orelha?

Presidente: Não, não puxo orelha. Não puxo porque o meu pai puxou tanto a minha que a minha é caída assim. Sabe que o meu pai me rodava pelas orelhas. Você acredita?

Jornalista: Não vai fazer isso com os ministros, não? O Minc não vai ficar com a orelha grande...

Presidente: Não, não.

Jornalista: Obrigado, presidente.

Presidente: Tchau, gente.

(\$31EGJLQ)